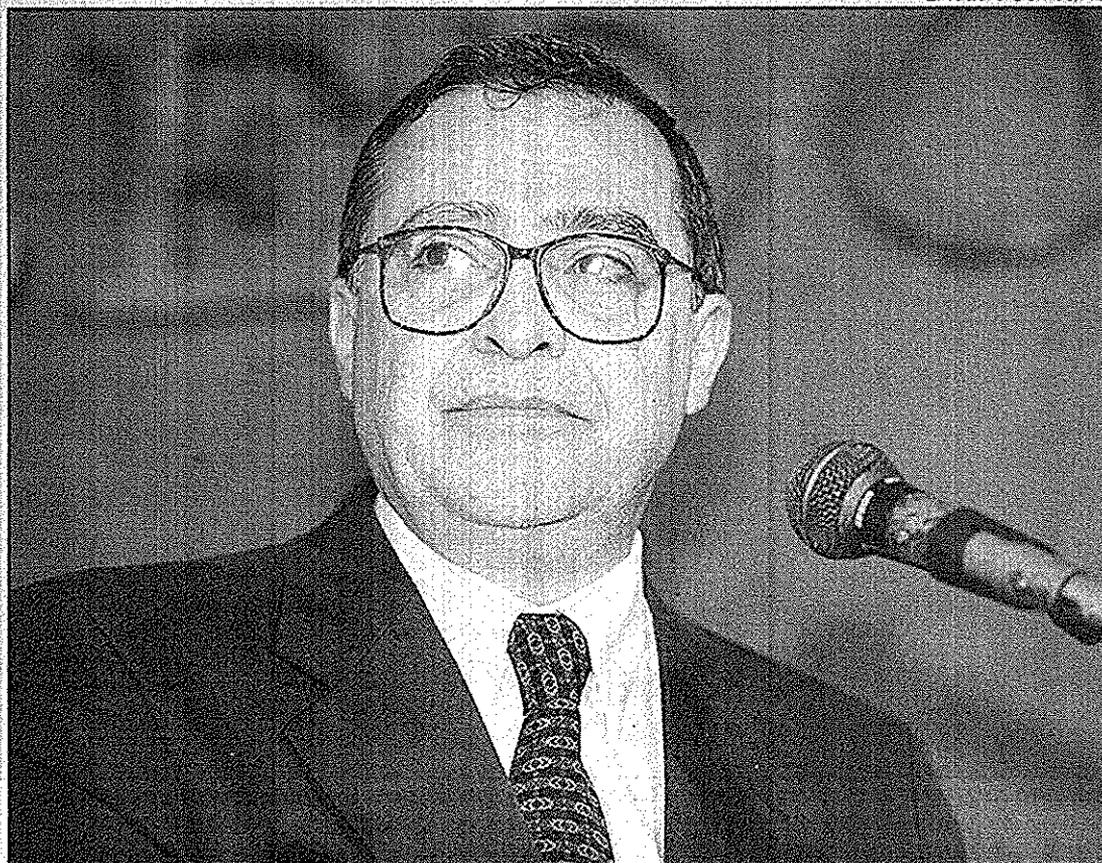


PERSONALIDADE

Lindauro Gomes/AE



O presidente da Funai, Frederico Marés: "A pensão era incompatível com outro cargo público"

Publicada portaria com a demissão de sertanista

Em duas linhas e meia foi efetivado o afastamento de Villas Bôas da instituição

BRASÍLIA – Uma portaria de duas linhas e meia tirou, ontem, o sertanista Orlando Villas Bôas da Fundação Nacional do Índio (Funai), instituição que ele mesmo criou há quase 35 anos. Mais que isso, praticamente encerrou uma carreira de quase meio século dedicada à causa indígena. Ontem, depois de uma reunião com assessores, o presidente da Funai, Frederico Marés Filho, avisou que o caso estava encerrado e não se falava mais no assunto.

Na mesma seção do *Diário Oficial* que exonerou oficialmente Orlando Villas Bôas – a comunicação extra-oficial da demissão já tinha sido feita por fax no dia 25 de janeiro – Marés nomeou para um cargo DAS-3 a socióloga Azelene Inácio, uma índia caingangue, do Sul, região natal do presidente da Funai. Assessores da instituição asseguraram que ela já era funcionária lotada na Coordenadoria de Direitos Indígenas e sua escolha já havia sido feita antes do episódio envolvendo Villas Bôas.

O desgaste provocado no governo pela exoneração de Villas Bôas do cargo de assessor da Funai, onde recebia R\$ 1.300, originou uma onda de boatos sobre a demissão de Marés. O fato acentuou-se principalmente na noite de terça-feira, depois que o presidente Fernando Henrique Cardoso ligou diretamente para o sertanista se desculpando pela medida tomada por seu subordinado.

Entretanto, segundo fontes do Ministério da Justiça, Marés deverá permanecer no cargo, apesar da repercussão do episódio Villas Bôas. Na reunião com assessores, ele afirmou que a atitude tomada em relação ao sertanista seria a mesma que outro presidente deveria tomar. Desde a segunda-feira, quando a demissão de Villas Bôas foi anunciada, Marés evita falar com a imprensa. (E.L.)

O homem que demitiu Villas Bôas

Presidente da Funai afirma que não entendeu por que tanta confusão

EDSON LUIZ

BRASÍLIA – Até poucos dias antes de assumir a presidência da Fundação Nacional do Índio (Funai), o advogado Frederico Marés Filho não conhecia o sertanista Orlando Villas Bôas. Havia lido alguma coisa sobre sua história mas, mesmo assim, manteve a decisão de tirar-lhe o cargo de assessor da instituição criada pelo próprio sertanista. Agora, Marés quer colocar um ponto final na questão. "Não vejo por que tanta confusão por causa de um DAS de valor pequeno", diz Marés. "É uma discussão tão pequena". Marés também diz que não pretende telefonar para Villas Bôas, como fizeram diversas autoridades do governo federal, inclusive o presidente Fernando Henrique Cardoso. "Por que tenho de ligar, se meu chefe já ligou?", indaga Marés, referindo-se a Fernando Henrique. Marés justifica que o DAS-2 de R\$ 1.300 que o ser-

tanista tinha era "um empréstimo, um cargo benemérito", até que a pensão vitalícia fosse concedida, o que ocorreu no ano passado. "A pensão era incompatível com outro cargo público", afirmou o presidente da Funai, ressaltando que Villas Bôas poderia optar por qualquer um dos vencimentos, mas em seu fax apenas pediu o DAS-2. "Eu achava que ele ia me mandar uma carta pedindo sua exoneração".

Com 20 anos de carreira jurídica quase toda no Paraná, Frederico Marés, ao contrário de Orlando Villas Bôas, que passou 48 de seus 86 anos dentro das áreas indígenas, esteve pouco nas aldeias antes de ocupar a presidência da instituição.

"Ia para resolver questões fundiárias", admite Marés, explicando que sua formação é jurídica. Segundo ele, seria deselegante falar sobre o sertanista, neste momento. "Alguém com mais de 20 anos na causa indigenista ouviu muita coisa sobre ele".

Marés reconheceu que não esperava a repercussão negativa da demissão de Villas Bôas mas afirmou não ver mais motivo para tratar desse assunto. Mesmo se encontrá-lo na rua, o tratamento, segundo o presidente da Funai, será normal. "Eu o cumprimentarei como a uma pessoa mais velha".

O método usados por Frederico Marés na demissão de Orlando Villas Bôas é o mesmo que vem usando em relação a outras pessoas que ocupavam cargos de confiança. Assessores próximos confirmam que muitas exonerações foram feitas sem explicações.

MARÉS ESTEVE POUCO NAS ALDEIAS

Há caso, segundo funcionários da Funai, no qual o exonerado só sabe que não ocupa mais a função quando chega ao local de trabalho. A explicação seria a de que a medida evitaria que o demitido consiga apoio político para se manter no emprego. Marés é considerado um dos assessores mais próximos do ministro da Justiça, José Carlos Dias.